O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII | Florianópolis, julho de 1949 | N. 5

Troca de sangue

Com entusiasmo lêm os meninos como, nas vastas pradarias, o heróico branco vence o chefe índio. Depois, tornam-se amigos e, em sinal da amizade, cada um extrai da veia um pouco de sangue, misturam-no e bebem-no. De ora em diante, a vida de um pertence ao outro. Não há sacrifícios que um não fizesse pelo outro.

No dia 1º de Julho, celebramos a festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Salvador, daquele sangue Êle derramou por nós até a última gota, do sangue que, tantas vezes, se misturou com o nosso na Sagrada Eucaristia.

Esta mistura, esta troca de sangue deve selar para toda a eternidade a nossa amizade com Jesús. Deve alimentar, em nossos corações, o amor ao divino Salvador. Deve dar-nos a fôrça e o entusiasmo para sermos eternamente fieis a êste amor.

Congregado, a realidade é mais bela do que a ficção. A troca de sangue entre Cristo e ti é realidade. Será que teu amor também é realidade?

UM "VIVA!" PARA O READER'S DIGEST

Na sua edição de Maio deste ano, o "Reader ' s Digest" publica um artigo de importância capital. Sob a pergunta "Why not a sensible policy toward Spain?" (Por que não adoptar uma política razoável para com a Espanha?"), Dewey Short critica a atitude inexplicavel dos U. S. A. para com a Espanha de Franco.

Percorrendo as razões aduzidas para justificar a exclusão da Espanha da ONU, o autor refuta-as uma por uma. Em seguida menciona a importância econômica daquele país, seu papel na defesa de uma futura guerra contra a Rússia. Chama a atenção sobre as relações da Espanha com a América Latina que se ressente da injustiça com que é tratada a pátria comum das repúblicas hispano-americanas que mantém com ela um vivo intercâmbio cultural.

Que saibamos, o "Reader ' s Digest" é a primeira revista de circulação larga que, corajosamente, entra na liça em favor de um país que, realmente, combate o perigo vermelho sem fazer compromissos.

Um "Viva!" para o Reader ' s Digest!

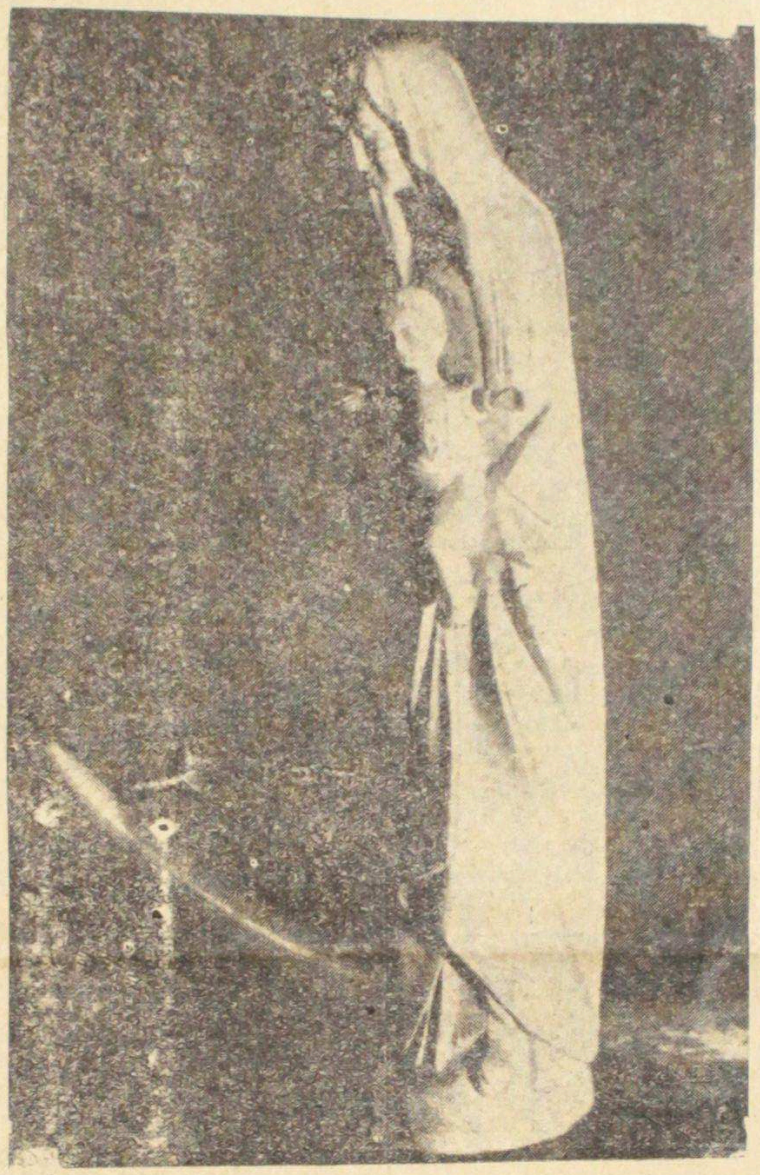


Imagem de Nossa Senhora, esculpida em marfim. Trabalho de um artista indígena do Congo Belga.

ESCOLA DE GUERRA (XXXV)

61. "Também é absolutamente necessário que haja dois ou mais Apontadores. (1) Estes terão um livro convenientemente disposto (2) com os nomes de todos os congregados e candidatos, para nele apontarem todas as vezes a presença de cada um e as causas de ausência aceitas pelo Diretor." (3)

Comentários: (1) Para este cargo escolham-se congregados que se distinguam por sua pontualidade e fidelidade, que tenham verdadeiro interesse pela CM e seus membros. — (2) Em vez de um livro, muitas vezes, servirão melhor listas soltas, confeccionadas em duas vias. Uma para o uso dos Apontadores, outra que fique sempre a disposição do Director. — (3) Estas listas de frequências serão guardadas no arquivo da CM e servirão, em muitos casos, para decidir sobre a admissão de candidatos, sobre a escolha para um cargo ou uma dignidade na CM, ou como base para referências e recomendações para empregos fora da CM.

62. "O Leitor tem a seu cargo a leitura espiritual que se costuma fazer nas reuniões da Congregação, bem como a leitura do calendário eclesiástico da semana". (1)

Comentário: (1) Onde se pode fazer leitura espiritual, no princípio das reuniões, conserve-se tal costume. Em muitas CC MM não será possível por falta de tempo.

63. "O cuidado da biblioteca será confiado a um ou mais Bibliotecários, (1) que nos dias e horas determinadas mostrarão aos congregados o catálago dos livros que possue a Congregação, entregarão as obras que lhes forem pedidas, e reporão em seus lugares as que forem restituidas." (2)

Comentários: (1) Numa CM de alunos será difícil deixar tal cargo a congregados, pois geralmente faltar-lhes-á o critério necessário para decidir o que convém a cada um. Só a leitura criteriosa de cada volume capacitará o bibliotecário para tal. E onde achará um estudante o tempo necessário para isto? — (2) Entretanto, esta regra mostra a importância que tem a biblioteca numa CM, especialmente, numa CM de estudantes. Nunca se deverão temer sacrifícios para aumentá-la.

MARIANOS CÉLEBRES

24. Leopoldo I., Imperador

Ser congregagdo não quer dizer ter uma garantia contra cruzes e sofrimentos. Mas nas provações e dificuldades desta vida, Nossa Senhora nunca desamparou os que lhe consagraram a vida. Exemplo vivo disto é Leopoldo I., Imperador da Alemanha.

No meio das misérias da Guerra dos Trinta Anos, nasceu Leopoldo aos 9 de Junho de 1640. Sua aparência enfermiça talvez nos explique sua lentidão em tomar resoluções que, por sua vez nem sempre foram as mais felizes por ser, às vezes, mal aconselhado.

Toda sua vida estava repleta de guerras. Ora teve que defender seu país contra os Suecos, depois houve distúrbios na Hungria. E enquanto estava lutando contra Luiz XIV da França, os Turcos atacam-no nos seus domínios orientais, chegando até a sitiarem-lhe sua capital, Viena.

Mas foi justamente em tais perigos extremos que Maria Santíssima revelou sua bondade e poder. Sob a invocação de nome da Mãe de Jesus, os muçulmanos foram vencidos e derrotados, sendo um dos generais mais brilhantes o congregado Príncipe Eugênio.

Entretanto, as guerras não conseguiram absorver todas as suas forças. Leopoldo mostrou sempre grande interesse pelas ciências e pelas artes. Fundou as Universidades de Inspruck e Breslau, e favoreceu as letras e a instrução em geral.

Quando, aos 5 de Maio de 1705, entregou sua alma ao Criador, seu país lamentou a perda de um príncipe dotado de muitas virtudes, lamentou a perda do homem que conseguiu restituir à Áustria sua posição importante.

Um dos mais graves perigos

para o povo brasileiro é a tuberculose. Ela não prejudica o corpo sòmente, mas também a alma.

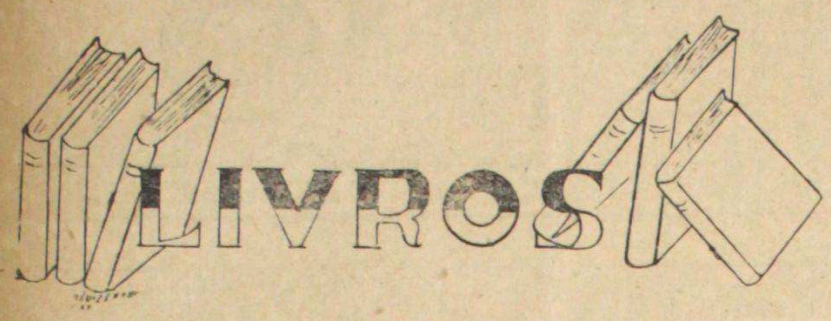
A Liga Paulista Contra a Tuberculose celebra no dia 1º de Julho, o Dia do B. C. G. dia aniversário da primeira aplicação ao homem desta vacina contra o tremendo mal.

"O BCG administrado desde tenra idade é medida de alto valor contra a tuberculose."

"Esta vacina é dada pela boca; não produz reação de espécie alguma e é fornecida gratuitamente em todo o Brasil.

"Peça instruções ao posto sanitário mais próximo".

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



Reflexões Cristãs, por Constâncio C. Vigil; Edições Melhoramentos, (São Paulo); s. d. — O bibliotecário terá dificuldade em classificar este volumezinho: trata-se de uma obra ascética ou filosófica? É uma e é outra cousa. É um verdadeiro escrínio de sabedoria cristã. Só uma fé vivida é capaz de inspirar as páginas que, em linguagem cristalina, dão testemunho da bondade de Deus que serve de base e fundamento a estas reflexões. O segundo elemento essencial é a dignidade de filho de Deus que eleva ao homem acima de todas as outras criaturas À luz produzida pela união destes dois elementos, Vigil examina e reconhece todas as fases, todas as condições e circunstâncias da vida. E tudo tão lógico, tudo tão concluente. A editora soube encontrar em Frederico Ribas um artista que, em delicados e originais quadros, conseguiu ilustrar frases escolhidas. "Reflexões Cristãs" oferecem uma leitura sadia e refrescante.

Caricaturas dos Tempos, por Belmonte; Edições Melhoramentos, (São Paulo), 1. edição, Outubro de 1948. — Este volume, além de uma sinopse dos acontecimentos internacionais mais importantes desde 1929 a 1948, oferece, em suas interessantes e artísticas caricaturas uma verdadeira documentação dos factos históricos e dos actores do drama moderno que levaram o mundo onde actualmente está — à beira do abismo. Por isso, a obra não sòmente diverte, mas instrue. E faz pensar.

O Princípio do Mundo, por Edtih Heal; Edições Melhoramentos, (São Paulo), s. d. — Em linguagem acessível a estudantes jovens, a autora explica a formação do mundo, da Terra, dos seres vivos. Não sabemos por que motivo não expressou mais claramente sua opinião sobre a origem do homem. Talvez que numa seguinte edição, se pudessem aproveitar os últimos resultados das pesquisas sobre este assunto como foram publicados na "Revista Javeriana" (Bogotá, Março de 1949, Nº 152). As ilustrações são boas. Seria de desejar que a margem fosse mais larga, pois encadernando-se o volume há perigo de se cortarem observações marginais.

— Ao publicar-se a condenação do Cardeal Mindszenty, um oficial do exército português ofereceu-se para cumprir a sentença em lugar do Cardeal.

— O governo suiço teve que organizar novos campos de refugiados para o enorme número de pessoas que fogem dos benefícios com que os comunistas prodigalizam seus estados satélites da Europa Oriental.

(Schweiz. Kath. Sonntagsblatt —Wil, Suiça)

— Em Londres, reuniram-se os bispos anglicanos na Conferência de Lambeth. Entre outras cousas trataram a questão da reunião com a Igreja Católica Romana. Já durante a última guerra, o Dr. Temple, Arcebispo (anglicano) de Canterbury (que entretanto faleceu), mandou ao Papa um telegrama de homenaggem. A "Church Times" observou, naquela ocasião, que o Arcebispo estava com a firme convicção de que o contacto entre ele e o Sumo Pontífice era da máxima importância para a solidariedade de todos os cristãos e da salvação da humanidade.

(Westfalenpost — Arnsberg).

— Leo Brady, professor na Universidade Católica de Washington, tomou parte num concurso literário, organizado pelos "Christophers", na esperança de ganhar um dos três prêmios ($15,000 $10,00 e $5,000 respectivamente). Mas não teve sorte. Entretanto, a editora Dutton aceitou seu livro para publicação, e Samuel Goldwyn pagou-lhe $150,000 pelos direitos de filmagem. Agora teve sorte.

(Newsweek — New York)..

— O célebre aviador Coronel Charles A. Lindbergh editou um livrinho, no qual afirma: "A nossa única salvação está no contrôle do braço da ciência ocidental pela mente de uma filosofia ocidental guiada pelas verdades eternas de Deus". É o mesmo Lindbergh que, depois da primeira travessia do Atlântico em avião, em París, há quase 25 anos, achava que acima do homem e mesmo de Deus estava a ciência. Nas suas recentes viagens aéreas sôbre uma Alemanha destruida, o coronel aviador mudou de opinião e — teve a coragem máscula de confessá-la.

(cf. Saturday Review of Literature — New York; vol. XXXI, Nº 34)

O celebrante, no lado da Epístola, prepara o cálice, infundindo vinho nele e acrescentando umas poucas gotas d'água. Fora das Missas pelos defuntos, a água é benta com um sinal da cruz. O vinho é figura de Cristo. A água simboliza os fieis presentes. Estes precisam das graças de Deus que lhes vêm da união com Cristo. As almas do Purgatório já não podem receber novas graças. Por êste motivo, omite-se a bênção da água nas Missas pelos defuntos.

A oração que acompanha a mistura do vinho com água, alude à criação e reabilitação da dignidade da natureza humana e pede que nos tornemos partícipes da divindade daquele que se dignou assumir a nossa humanidade.

Em seguida, o sacerdote oferece ao Divino Pai o cálice. Levanta a oblata, e, os olhos fixos na cruz do altar, lembrando-se que, em breve estará presente o mesmo sangue que outrora correu visivelmente das sagradas Chagas de Cristo.

Falando em nome próprio e no dos fieis, oferece o cálice da salvação e pede que suba ao trono da divina majestade como um suave perfume para a salvação de todo o mundo.

Antes de colocar no altar o cálice, o sacerdote faz com ele o sinal da cruz sobre a ara para indicar que no cálice e sobre o altar é oferecido o mesmo sangue que foi oferecido no lenho da cruz.

14 de Maio — Grande atividade entre os nossos artistas e técnicos. Pintam cartazes e mimeografam "slogans" para preparar a Páscoa dos Alunos do Curso Científico e a Páscoa dos Estudantes.

21 de Maio — As CC MM do Rosário recebem uma nova tabela, coberta de pano verde. Os nossos desenhistas fornecem cartazes variados. Os "moralistas" tentam resolver os cinco casos de consciência aí expostos.

29 de Maio — Grande Concentração Mariana, com a participação de 32 CC MM da Arquidiocese de Florianópolis. Sua Excelência Reverendíssimo D. Joaquim Domingues de Oliveira, DD. Arcebispo Metropolitano, celebra Missa festiva na Catedral e distribue a sta. Comunhão. Às 10,30, Sua Excelência preside à Sessão Magna na Catedral. Às 14 horas, além de 2500 marianos marcham do Colégio Catarinense à Catedral numa imponente profissão de fé e de amor a Nossa Senhora.

31 de Maio — O R. P. Reitor do Colégio Catarinense admite 19 novos congregados à CM do Internato. — No fim da mesa de doce com que são regalados os novos cavalheiros de Maria, o Alvaro observa brandamente: "Gostaria de ser admitido cada mês uma vez."

Vítimas do desastre do Cambirela

No meio da vida rodeia-nos a morte. A verdade desta frase, prova-a o tão lamentável desastre ocorrido no dia 6 de Junho deste ano, às portas, por assim dizer, de Florianópolis.

Mais de um dos nossos congregados expressou a pergunta: "Será que eles estavam preparados para uma morte tão inesperada?".

Em tais circunstâncias, é uma consolação receber algumas informações de primeira mão.

O R. P. Capitão José Backes, Capelão Militar da Base Aérea de Canoas (RS), conhecia intimamente várias das vítimas da catástrofe. O Sargento Antônio Sérgio Nemes, membro de uma associação religiosa estabelecida na Escola de Especialização, em São Paulo, não deixava passar mês sem Comunhão. O 1º Tenente Damião Capo Bianco era ótimo católico. O 1º Tenente Rosenthal Gonçalves não perdia a Missa dominical. O Aspirante Luna Freire, prestes a ser promovido a tenente, mostrava sempre sentimentos religiosos e grande interesse por questões da religião. Também a senhora Delamaire, sobrinha do R. P. Delamaire, foi católica distinta.

Encontraram a morte inesperadamente, mas não sem preparação.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ESSA HISTÓRIA DE ADÃO E EVA

(Conclusão)

(Tradução)

Daniel A. Lord, S. J.

Miguelângelo sentiu-se estar no Monte Sinai. Foi como se pela primeira vez Moisés aparecesse, pronto para colocar-se em frente do povo judeu e promulgar a eterna lei de Deus. O artista ficou comovidíssimo pela estátua que fizera. Ela era demasiadamente gloriosa para se permanecer aí num mutismo perpétuo

Agora, se você for um homem sem imaginação, o gesto seguinte de Miguelângelo pode parecer-lhe estúpido ou inútil.

Se, porém, você tiver o mínimo conhecimento da natureza humana ou alguma compreensão da alma de artista, compreenderá o que ele fez.

O grande escultor agarrou o martelo de pau com que tinha formado sua obra prima. Balanceou-o por um momento na mão. Se com aquele maço fora capaz de produzir a obra prima diante dele, talvez êsse maço pudesse produzir simplesmente um outro milagre.

Pesou na mão o maço e o atirou contra o mármore de seu Moisés pétreo.

"Fala!" ordenou. "Fala!" trovejou, com todo o poder de sua vontade.

Mas nada aconteceu. Não se fez milagre nenhum. Moisés aí estava sentado, mudo como antes.

Miguelângelo fora capaz de transformar o frio mármore na gloriosa figura do legislador judeu Diante dele, até o fim dos séculos, milhões estariam em muda admiração. Mas o escultor não tinha o poder necessário de inflamar este mármore com a faísca vital. Não podia dar a sua estátua fala e alma.

Por mais que amasse sua própria obra prima, ela sabia que estava destinada a ficar sentada aí silenciosa, imóvel até o fim dos tempos.

O Grande Artista Fala. Agora, tudo isto pode tornar mais fácil compreender a criação do homem Pois Deus, o grande artista, também se enamorou da figura que fizera - o homem.

Deus, o artista dos artistas, fez do barro da terra a estupenda figura de um ser humano. Aí, no barro frio, estavam os contornos de músculos ondulantes e as curvas fortes de braços e pernas e do torso. Os cegos olhos olhavam seu Criador sem o ver, turvos e mortos. Os lábios, modelados para a fala, não tinham palavra . O coração no interior, imóvel, como a esperar a primeira pulsação, a primeira faísca de amor, sem alma. Até aqui. Deus tinha feito uma estátua do homem, amável mas sem vida.

O que é mais natural do que o seguinte passo dado pelo artista-mestre?

Sómente, diferente de Pigmalião, não precisou levantar os braços para um Olimpo fabuloso. Diferente de Miguelângelo, se Ele desse à sua estátua ordem de falar, ela havia de falar.

Dentro deste artista achava-se o grande poder criador de Sua Paternidade. Precisou dar sómente um passo criador ainda, e a estátua em sua mão mover-se-ia, falaria, viveria, amaria.

E Deus inspirou na face do homem o sôpro de vida. E o homem tornou-se alma vivente.

Os olhos da obra prima levantaram-se e viram seu Criador e baixaram -se em reverente respeito. Os lábios da estátua começaram a anunciar Seu louvor. O coração bateu uma vez e, então, pulou, num extase de amôr, quando reconheceu a grandeza de Deus que o tinha dotado com uma alma à sua própria imagem e semelhança.

Deus, o maior de todos os artistas e o protótipo segundo o qual trabalham todos os artistas, observou Sua obra prima tornar-se Seu homem, Sua criatura fria ficar Seu filho, vivo, o modêlo que fizera, de-repente, caminhar na terra, como Seu filho, Sua imagem, Seu herdeiro presuntivo.

O que Todos os Artistas Desejam. Quem quer não vir em tudo isto o mais natural e compreensível dos dramas, de modo nenhum tem poesia em sua alma. De facto, estou inclinado a dizer que não tem nenhum conhecimento nem de Deus, nem dos impulsos humanos que provém da natureza criadora de Deus.

Através da história da arte, grandes artistas desejavam precisamente fazer o que Deus realmente fez.Viam -se porém limitados pela fraqueza humana. Ele pôde dizer Seu "Fiat!" criador, e diante dele andava Seu amado filho, capaz agora de amá-lo e fazer Sua obra na terra. Deus pôde transformar o barro frio de Sua obra Prima na quente imagem de Si mesmo. Devemos admirar-nos que Ele fez justamente isto?

É Feita a Mulher. As mulheres deveriam gostar que Deus criou a mulher precisamente pelo modo que escolheu de o fazer. O modo pelo que a mulher foi criada, coloca-a numa posição que torna possível sua alta dignidade e a segurança de proteção dos homens.

Mas aquí, mais uma vez, na criação da mulher, Deus movimenta-se no reino de poesia altamente artística.

A mulher que Ele tencionava fazer, devia estar mais perto de seu marido do que o próprio coração dele. Deveria ser osso de seus ossos e a carne de sua carne, dependendo dele de muitos modos encantadores, mas sempre como parte viva dele, e ele elevado a uma realidade nova.

Assim Deus decidiu fazer a mulher de uma costela do Adão adormecido. Talvez, mesmo enquanto estava dormindo, Adão sonhou com o perfeito adjutório que não achara entre os animais. Os sonhos que Deus envia, às vezes, são belíssimos.

Daquela parte do homem que, actualmente, está próxima ao seu coração, as costelas, Deus escolhe um pedaço da estrutura essencial do homem. Dessa costela Ele faz a primeira mulher.

Com um sorriso, Eva pôde dizer a seu marido: "O Homem foi tirado do barro da terra; a mulher foi tirada do peito vivo do homem". Com um pouco de fantasia, talvez possamos sugerir que as mulheres deveriam ser mais humanas, menos terrenas.

De novo o Artista. Deus, mais uma vez o artista, modela esta nova e esquisita criatura com perfeição infinita. Entretanto, enquanto trabalha, medita no profundo simbolismo do que está fazendo. A mulher veio do peito do homem: e a este peito ela deve voltar num alto amor humano. A mulher vem do interior do círculo formado pelos braços dele porque para lá pode voltar afim de achar descanço, força e proteção.

A mulher, por causa de sua origem, pode e deve admitir sua dependência do homem fisicamente mais forte. Com todos os direitos. porém, ela pode exigir dele a mesma proteção vigilante que ele dá a si mesmo. Porque, afinal, não é ela uma parte dele, uma parte milagrosamente removida e, contudo, admiràvelmente devolvida à salvaguarda dele?

Felizmente para as Mulheres. Precisamente esta é a resposta que Adão dá à visão de Eva, seu adjutório.

Suas primeiras palavras, dirigindo seu olhar para ela, não são: "Tu és bela". Nem mesmo diz: "Eu te amo". Diz alguma cousa muito mais importante para todo o futuro dela. Refere-se imediatamente a si mesmo e assume voluntàriamente sua profunda responsabilidade para com ela de a proteger e de cuidar dela. Antecipando a Cristo, Adão sabe que deve amar sua mulher como a si mesmo.

"Esta (mulher) agora", exclama, "é osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque do varão foi tomada".

E recebe com um sorriso de boas vindas a mulher que volta a ele numa união de amor, precisamente, porque fora tomada dele por um Deus de amor. Aperta-a contra seu coração, do qual, só uns poucos minutos antes, ela, simbòlicamente, tem sido formada.

As Consequências para as Mulheres. Imediatamente, o autor sacro tira as inevitáveis e inescapáveis consequências. Esta origem da mulher do corpo do homem é sua garantia de direitos claros, seu título à proteção pessoal por parte do homem.

"Por isso" — porque uma mulher foi tomada do corpo de um homem e voltou em amor para ele — "o homem deixará seu pai, e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa só carne".

Um momento antes, eles foram realmente uma só carne, a carne do solitário Adão.

Agora, mais uma vez, hão de ser uma só carne, num abençoado e voluntário amor.

E a mulher tem sôbre seu marido um direito que tem precedência sôbre todos os direitos de quem quer que seja no mundo — sim, mesmo sôbre os direitos da mãe que lhe deu a vida.

A Mulher Formada do Homem. Assim, até este dia, a mulher que compreende a vasta significação desta estupenda história de sua origem, pode olhar para seu esposo e dizer, meio séria, meio jocosa: "Meu caro, eu pertenço a ti assim como teu próprio corpo te pertence. Eu vim de teu corpo e, por minha vontade própria e pelos desígnios de Deus, a ti volto. Protege-me como te proteges a ti. Aperta-me, em segurança, contra teu coração de onde vim originalmente. Quando te amares a ti, amas a mim; quando me amares a mim, tu te amas a ti".

O simples método de Deus de criar colocou tudo isto felizmente no poder e no domínio da mulher. Pode qualquer mulher falar de outro modo que não seja com gratidão e respeito do sublime cuidado de Deus por sua origem?

A Bela Verdade. Desta forma me parece que a carta que citei, como os gracejos e os argumentos dirigidos contra Adão e Eva, baseia-se num triste malentendido. Só me posso sentir embaraçado que a humanidade deixou de compreender a alta poesia e artística beleza da história de nossos primeiros pais. Estou envergonhado que uma mulher católica pudesse ter tão pouca compreensão pela maravilhosa dignidade e encanto com que Deus cercou os princípios da raça humana.

Mais tarde, Deus mesmo escreveria uma história mais bela ainda que a de Adão e Eva. Havia de dar ao mundo uma mulher absolutamente livre de toda a mancha, uma mulher cujo pé havia de esmagar a cabeça do tentador rasteiro que tão tristemente enganara a primeira Eva. Havia de dar a toda a humanidade Seu Filho unigênito que nasceu na encantadora Belém, viveu uma vida perfeita, e morreu no Calvário como culminância de todos os dons e sacrifícios e do próprio amor.

Mas a história de Adão e Eva ainda é, depois daquela história, a mais encantadora. Haverá alguém que pudesse sugerir de que outra maneira Deus pudesse ter alcançado Seu propósito de tornar mais dignos, mais belos e artísticos, mais poéticos os inícios da raça humana?

Francamente, duvido que haja resposta a esta pergunta a não ser um humilde inclinar da cabeça diante do divino ato criador executado no esplendor de um jardim e marcado com o tóque delicado do artista divinamente poético.

É por isso que sempre gostei da história de Adão e Eva. Ela torna-me orgulhoso de ser homem. Alegra-me que meu Pai é a espécie de Deus que Ele é. Abre a história da raça humana com um arrebatamento de gloriosa poesia, com uma obra prima executada pelo artista-mestre.

FIM

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E O GATO?...

Por James Langdon

(Tradução)

Quando não o molestavam a ele, incomodavam seu gato.

Não é esta uma história alegre. Nem é agradável. Mas é verdadeira e, de algum modo, terrível. A vingança é sempre terrível. Mas que dizer da lenta e amarga perseguição, capaz de levar um homem a uma sinistra e horripilante vingança?

Você, leitor, terá que retraçar os pasos por um longo caminho na história para encontrar as raizes da contenda. Foi uma vez que o grande e poderoso império deles conquistou o pequeno reino de nosso personagem. Mas tamanho e orgulho nem sempre são sinônimos. E, embora seu torrão fosse pequeno comparado ao vasto império mundial que era deles, seu país distinguia-se pelo orgulho. Seu povo fora conquistado, e não havia meio de enxotar os conquistadores. Mas podia-se odiar, podia-se conspirar em segrêdo, podia-se esperar pelo dia quando a liberdade fosse restituida.

Seu pai fugira da terra conquistada para uma das férteis colônias tropicais do império. Aí, porque não tinha nem profissão nem negócio, dirigiu-se, como povos opressos muitas vezes fazem, para o reino da comida.

Inclinou-se, podemos dizer, diante da comida considerando-a sob outro prisma que o de sustentar a vida. Lembramo-nos da comida meramente como a abundante providência de Deus, cumulando nossas mesas e fornecendo o combustível para nosso corpo. Alimento, comida é mais do que isto; é a primeira oportunidade que permite a um povo suprimido o ressurgimento. Quando, a um país estranho, vem um homem que não lhe conhece a língua ou os costumes, as portas de um futuro próspero parecem ter-se-lhe fechado na cara. Mas a porta da cozinha está aberta. Pode tornar-se cozinheiro, e muita vez o faz. Há o carrinho de mão, carregado com frutas e verduras que está no início de sua ascensão. Não pode entrar numa profisão; mas pode competir no açougue. Não pode ser doutor; mas pode criar ovelhas ou engordar porcos.

Isto, o negro tem-no feito em nosso país, e o italiano e o grego. Comida ofereceu-lhes sua única oportunidade. E eles pegaram-na, muitos deles para subir a riqueza e posição social.

O pai dele nem fortuna moderada alcançou. Mas ficou chefe de cozinha e passou o ofício a seu filho. O filho orgulhava-se de sua habilidade própria e servia refeições que lhe alcançaram alguma celebridade na colônia — até entre os homens que vieram do país conquistador, homens cheios de sua própria superioridade e côncios de seu lugar ao sol.

Como ele caiu no poder deles, não saberia dizer com certeza. Ele jogava, naturalmente. Ele era chefe-assistente no esplêndido clube deles; o orgulho de sua raça e a lembrança da opressão aliavam-se para dar-lhe um forte senso de independência. Mas êle jogava. Foi um vício de sua raça e uma dextreza de que faziam alardo. Assim, enquanto, na cozinha esperava que o assado ficasse pronto, misturava suas cartas cebosas e fazia rolar seus honestos, mas hábeis dados. Ganhava os tostões do garoto cobrador dos ônibus e os cruzeiros dos seus colegas cozinheiros. Ás vezes, o chefe, francês e sagaz, fazia uma jogada; e deixava sôbre a mesa um bilhete de banco que tirava do magro maço como se estivesse arancando um pedaço de sua própria pele.

Talvez os oficiais do clube tivessem-no ouvido jactar-se com seu plano de, mais dias menos dias, fazer sua trouxa e ir-se embora. Gostava de prosear que estava livre e podia dar o fora quando quisesse. Algum dia, fa-lo-ia. Vexava-o o fato de ter que servir refeições a homens cujos antepassados escravizaram seu país e o consideravam um ser inferior — menos à profissão que quanto ao sangue e valor moral.

"Um dia destes, irei embora", costumava jactar-se na cozinha, "e não haverá refeição com que se regalar, quando vierem ao refeitório com seus sorrisos suaves e esfomeados".

Talvez tivessem ouvido aquela bazófia. Nunca chegou a saber como aconteceu que, uma noite, quando os demais comensais se tinham retirado, ele estava jogando com três oficiais do clube à mesa imaculada da cozinha. Nem conseguiu saber bem como se arranjou que, algumas noites mais tarde, ele estava jogando num dos aposentos privados do clube... nem como foi que ganhava tão altas somas, durante muitas noites consecutivas... nem como foi que perdeu tudo em uma só noitada, perdeu e perdeu até que nem a camisa que tinha no corpo era sua, pondo na mesa notas promissórias a serem descontadas no Banco dos Sonhos Dourados.

Eles recolheram as notas promissórias no fim do jôgo. Observou o homem que as separava e distribuia em três pilhas, uma para cada um dos oficiais. Então, descobrindo seus dentes brancos, disseram, brandamente: "Naturalmente o senhor é cavalheiro". Foi uma insolência que não se tornou menos insolente porque ele sentia que, realmente, era cavalheiro. "Cavalheiros pagam suas dívidas de jôgo. Naturalmente, teremos paciência com o senhor. Poderá trabalhar para pagar; Descontá-lo-emos de seu salário".

Eles foram-se embora, e ele sabia que era o escrava deles, seu peão, ligado tão fortemente como qualquer negro nos antigos dias da colônia, como qualquer servo antes da lei libertar os servos.

Porque tinham em suas veias o sangue dos conquistadores, eles sabiam como tornar-lhe intolerável a vida. E faziam-no. Comeram seus melhores quitudes e queixavam-se deles. Chamavam-no da cozinha para a mesa; e enquanto estava lá e atendia, discutiam o que e como deveria preparar para eles. Terminavam suas instruções com "... se, isto quer dizer, se você é capaz disto"... Ou "Para um cavalheiro você é um cozinheiro formidável". Do seu salário guardavam tudo menos um aninharia, e ele tinha que economizar os tostões para um pouco de fumo ou uma garrafa de conhaque, que beberia de mao humor no seu pequeno quarto quente.

Às vezes, sentia que, em todo o mundo tinha um só amigo, seu gato.

O gato era grande, gordo e preguiçoso. Era um esplêndido bichano, de descendência mixta, temperamento incerto, gostava de passeatas à meia-noite e de serenatas ao luar. Seu pêlo era quente sob a mão do dono, e o contente ronronar lisonjeava-o como caricatura de afeição. De noite, já que fazia calor demais e o cozinheiro muito pobre para fazer qualquer outra cousa, sentava-se no seu quarto, bebia um pouco de conhaque, fazia festas ao gato, e sonhava com o dia em que sua dívida estivesse paga e êle pudesse ir-se embora — oh, para qualquer lugar no mundo em que não encontrasse representantes da raça deles.

De qualquer geito chegaram saber de seu gato e da amizade com êsse gato e de seu amor ao único animal que lhe tornava tolerável a vida.

E porque eles eram crueis, dirigiam suas habilidades contra o gato.

Uma noite, ele ouviu gritos selvagens e os sons de raiva e fúria felinas. Correu à janela — para ver latir, ao pé de uma árvore alta, os cães de caça deles, enquanto os homens dirigiam os fachos cegantes sôbre o gato, nos galhos mais altos. Lá estava o bichano, com o lombo curvado, seus dentes cintilantes na luz, cuspindo e gritando de raiva e terror.

Ele enxotou os cães com a tampa de uma caldeira e então chorou, quando notou até que ponto se tinha tornado ridículo aos olhos deles.

De uma feita, seu gato desapareceu durante quatro dias. Ele estava fulo de raiva, enchiam-no os temores mais fúteis e estrambóticos até que o gato voltou, esfomeado e selvagem. Será que eles o fecharam dentro dum quarto, sem comida e bebida? Suspeitou isto. Mas não ousou perguntá-los e arrostar seus malévolos sorrisos, a fingir surpresa.

Porque eram crueis, eram também infantís. Certo dia, o gato veio, arrastando um isqueiro estragado que pesava no rabo que costumava levantar no ar qual nobre pendão. Numa outra ocasião, encontrou seu gato fazendo esforços hercúleos para livrar as patas dos polegares de luvas de couro — outra prova da ingeniosidade deshumana dos carrascos.

Ele sentiu como o clube inteiro estava-se rindo dele, rindo do cozinheiro que era cavalheiro, rindo do homem livre escravizado por uma dívida de jogo, o homem solitário que podia ser torturado através do único amigo que lhe restava.

Mas, com cada semana que passava, sua dívida diminuia... até ficar a pagar uma só quota.

"Na semana que vem", disseram-lhe enquanto pediram uma refeição particularmente complicada, "sua dívida estará paga — a não ser, isto é, o sr. deseja jogar de novo... como desforra?"

"Terei minha desforra", replicou. Olharam-no com genuina curiosidade. Seria possivel prendê-lo para um segundo termo de servidão? "Mas não com cartas", continuou ele. Riram-se mansa e desdenhosamente. "E como vai seu gato?" perguntaram.

Naquela semana seguinte, serviu-lhes um jantar delicioso, carregando no bolso o último dos delgados envelopes de pagamento. Quando combinaram com ele os pratos a serem servidos, disseram-lhes: "Este será o jantar para celebrar a minha libertação. Meu último para os senhores. "E eles tinham respondido: "Sua honra de cavalheiro e de chefe de cozinha garantem a boa qualidade".

E bom foi o jantar. Especialmente, o prato principal, um pastelão com uma flocosa crosta dourada e carne, o todo nadando num delicado molho de vinho e verduras.

"Bom", disseram, comendo sôfregamente.

Quando estiveram pronto com o jantar, ele entrou no refeitório, mas já não de avental e boné de chefe. Estava trajado para a viagem e não mão carregava a mala.

"Então, o senhor nos deixa?" perguntaram. Havia pesar em suas vozes.

Os outros hóspedes tinham ido embora. Pensativos lembraram-se das refeições que ele servira, lembraram-se das refeições que já não receberiam. Acenou secamente.

Olhavam sua mala e disseram, irônicamente: "Seu gato espera-o lá fóra, sem dúvida?... Mas os gatos gostam de mudar de residência?"

Então o presidente do clube observou: "O seu cozinhar far-nos-á falta. Esse pastelão de hoje... delicioso! Quais foram os ingredientes?"

Seu olhos cintilavam de alegria.

"Não", disse, "não levarei o gato comigo. Deixarei meu gato aquí. Os senhores torturaram-me. Torturaram meu gato. Agora meu gato torture os senhores". Virou-se devagar. Depois, falando por cima do ombro, disse, com alegria selvagem: "O ingrediente principal do pastelão de que tanto gostaram, foi... meu gato".

Da sua vingança afastou-se para encontrar a sua liberdade

FIM

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina